



VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



## **Autorretrato e amamentação: por um novo repertório visual contemporâneo<sup>1</sup>**

Elisa Elsie Costa Batista da Silva Beserra<sup>2</sup>

Josimey Costa da Silva<sup>3</sup>

Maria Angela Pavan<sup>4</sup>

**Resumo:** As fotografias das obras "Você está morta" e "O leite do fim" conduzem a escrita ao revelarem novas representações visuais artísticas sobre a amamentação na contemporaneidade a partir de autorretratos. Três fotografias de cada ensaio foram escolhidas por suas conexões visuais com a produção de leite pelo corpo humano. As obras produzidas por artistas visuais, mães, visibilizam uma ação reservada ao espaço íntimo e tensionam o regime de representação dominante sobre o aleitamento materno, possibilitando a negociação de construção para um novo repertório visual. Autoetnografia e etnografia são reconhecidas como metodologia científica e servem de instrumentos metodológicos para a pesquisa.

**Palavras-Chave:** Fotografia contemporânea; feminismos; autorretrato; artes visuais; amamentação; autoetnografia.

### **Introdução**

A representação da mulher mãe durante o ato de amamentar é associada normalmente ao prazer e tranquilidade. Contudo, o aleitamento infantil é um complexo conjunto de sentimentos e de sobrecarga. O processo de produção de subjetividade demanda a introdução de representações e possibilidades visuais da amamentação na sociedade atual. Aproximamos nosso pensamento ao de Paula Sibilia (2016, p. 26) quando afirma que "a subjetividade não é algo vagamente imaterial que reside 'dentro' de cada um", ela só pode existir *encarnada* em um corpo e *embebida* em uma cultura intersubjetiva, uma experiência construída na relação com outros e com o mundo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT "Fotografia contemporânea". O texto é um resumo do artigo publicado na Revista Diálogos (2024), no dossiê Narcisos insubmissos: autorrepresentação e sexualidades dissidentes nas artes ibero-americanas. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/68761>.

<sup>2</sup> Doutoranda do programa de pós graduação em Estudos da Mídia (PPgEM|UFRN) em período sanduíche na Universidad Complutense de Madrid, email: [elisa.elsie.costa.058@ufrn.edu.br](mailto:elisa.elsie.costa.058@ufrn.edu.br).

<sup>3</sup> Orientadora da pesquisa de mestrado, professora do PPgEM, UFRN, e-mail: [josimeycosta@gmail.com](mailto:josimeycosta@gmail.com).

<sup>4</sup> Orientadora da pesquisa de doutorado, professora do departamento de Comunicação Social, UFRN, email: [gelpavan@gmail.com](mailto:gelpavan@gmail.com).



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



A fotografia feita por mulheres mães artistas pode ser um dos caminhos de negociação para a construção de novas formas de ver e pensar o ato de aleitar a partir da autorrepresentação. No intuito de tensionar as caracterizações existentes e propor um alargamento das subjetividades, foram escolhidas três fotografias de cada um dos seguintes ensaios: "Você está morta", (2018-2021), obra de Malu Teodoro composta por nove fotografias bordadas; e "O leite do fim", (2020-2021), ensaio pessoal de uma das autoras, Elisa Elsie, formado por 26 fotografias e desenvolvido durante os últimos anos de amamentação do seu filho.

A escolha das imagens levou em consideração a expectativa de elaboração de uma contranarrativa visual da amamentação, uma tentativa de desestabilizar os conceitos, práticas sociais e culturais que legitimam sistemas de opressão e violências simbólicas, especialmente em relação às experiências femininas. São fotografias feitas distantes de ambientes organizados e pensados para o aleitamento. As artistas divergem esteticamente das figuras maternas presentes na cultura visual coletiva e demonstram indiferença ou cansaço.

A fotografia é uma linguagem visual que na contemporaneidade esboça um salto estético: possibilita a partilha de experiências e a hibridização com a arte. Adolfo Montejo Navas (2017) propõe o termo *fotografia transversa* para abrigar os conceitos envolvidos nos atravessamentos de sentido e a abertura para experiências perceptivas que transbordam para além da superfície fotográfica, seja impressa ou visualizada na tela de um dispositivo. A transversalidade fotográfica reivindica cruzamentos de linguagens, tanto semântica quanto esteticamente, permitindo limites borrados entre o exterior e interior de quem a produz.

A fotografia faz uso de elementos próprios de seu vocabulário para se abrir a outras estratégias representacionais e dinâmicas de imaginação. Supera limites convencionais ao estabelecer o diálogo entre distintos fluxos, permitindo que os



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



dispositivos imagéticos tornem-se mais porosos uns com os outros. Uma linguagem visual na qual existe uma tentativa de dizer o que está além do que pode ser visto. Talvez essa seja uma das potências da imagem fotográfica, perseguir o indizível.

Ambos ensaios trazem corpos de mulheres mães performando a si mesmas ou uma personagem criada para a feitura das fotografias. As imagens dão acesso a ambientes fechados e íntimos, agora disponíveis ao olhar. O perto e o longe se roçam no momento de ver a fotografia. Ao mesmo tempo em que a distância se faz presente entre o momento da performance e da feitura da imagem de quem as vê, a fotografia aproxima os sentidos. Ela conduz a espectadora para esse não-lugar construído pela artista: uma cena desfeita, um momento no qual a encenação já foi. Mas que ao mesmo tempo está ali visualmente, registrada e perpetuada na imagem.

A autoetnografia e a etnografia crítica são utilizadas como instrumentos metodológicos ao longo da escrita e análise das fotografias. Na etnografia crítica (Fortin; Gosselin, 2014), as práticas analíticas criativas abrem espaço para releituras frequentes do texto e reflexões avaliativas durante o percurso de redação, exigindo revisão contínua das decisões baseadas nas informações coletadas e observação de padrões visuais. A autoetnografia é um procedimento metodológico no qual uma das pessoas que pesquisa é a mesma a ser pesquisada, permitindo que a escrita carregue distintas camadas de consciência e estabeleça conexões entre pessoal e social. Assim, é possível acolher a ficção, a experiência individual subjetiva e manter a credibilidade e rigor exigidos pela academia (Ellis; Adams; Bochner; 2010). Iniciamos a observação e análise das fotografias a fim de estabelecer a negociação para a construção de um novo repertório visual sobre a amamentação na contemporaneidade.

## **1. "Você está morta"**



VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Um bebê recém-nascido é segurado por uma mulher que o amamenta em um espaço iluminado por uma janela e vitrais (FIG. 1). A claridade difusa do ambiente e o desenho das luzes em semicírculo sobre a cabeça das duas remete a um tipo de aura, uma figura angelical, santificada. A mulher não olha para a bebê enquanto amamenta. O corpo nu da mãe recebe o bordado das palavras "PUTA MENTIROSA". O mamilo esquerdo é censurado por um "x" bordado em linha vermelha, o olho esquerdo recebe o mesmo "x". Ela está de pé, olhando lateralmente, mas a câmera não foca seu olhar nem o rosto do bebê. A cabeça coincide com o seio direito e cobre toda a aréola. O cabelo escuro da mãe, solto, recai sobre o ombro esquerdo. Malu Teodoro, artista e autora da obra, desenvolve projetos que envolvem experiências de vida e, desde a gravidez, as questões da maternidade passaram a permear suas produções pessoais.



FIGURA 1 — Série "Você está morta", 16x11cm, 2018-2022. Fonte: Malu Teodoro (online).

O ensaio é composto por nove fotografias impressas (16x11cm). Todas feitas quando a filha tinha dois meses. Os bordados foram acrescentados ao longo dos anos sobre as fotografias já impressas. Cada frase costurada sobre a *pele* da



VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



imagem foi dita pelo pai da criança. Malu foi vítima de violência enquanto inserida em um contexto de relação afetiva com ele. As agressões verbais proferidas nos primeiros meses e anos de sua filha reverberaram até serem transpostas para a superfície imagética. O projeto surgiu na intenção de expor a violência intrafamiliar e visibilizar a sobrecarga do trabalho materno. As fotoperformances amamentando ganham novo significado a partir dos bordados. A obra confronta a visão tradicional de um corpo-mãe nutridor e escancara a brutalidade contra uma mulher mãe.

As fotografias são uma brecha de acesso ao espaço íntimo da casa, do lar. A casa é um ambiente historicamente reservado para e mulher e a criança. O que está disponível ao espectador é uma construção ficcional de intimidade. Não há espontaneidade nas fotos e sim uma elaboração imagética, antecessora de um referente físico e posteriormente transportada para a fotografia. Dessa construção surge uma potência estética do território imagético ocupado por um corpo de mulher e sua cria. Utilizar a fotografia é percorrer trajetórias transversais de significação por meio de uma performance de si feita para uma fotografia.

Na obra (FIG 1), a mãe que amamenta é a mesma chamada de *puta mentirosa* durante uma discussão do casal. A violência, assim como o bordado, atravessam a pele da mulher em um dos momentos mais sensíveis da vida: o puerpério, fenômeno fisiológico iniciado logo após o parto e marcado por mudanças físicas e psíquicas profundas. É uma etapa crucial de formação tanto da criança recém-nascida como da mulher recém tornada mãe. Ambas precisam de cuidados. Na fotografia (FIG. 1), a frase contrasta com o ato de amamentar. Unir a experiência verbal à experiência visual intensifica a polissemia da imagem final.

"Não vejo a hora de você parar de amamentar". A frase cobre parcialmente o rosto da artista (FIG. 2). A mulher está sentada, uma das mãos apoia o corpo e a cabeça do bebê. O outro braço repousa sobre a coxa enquanto acomoda o corpo



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



recém-nascido. A mãe olha para a criança, o cabelo desliza em parte do rosto. Um "x" feito em linha vermelha encobre o mamilo feminino. A letra remete à censura, ao impedimento, já que o acesso visual é negado ao espectador.

As palavras bordadas sobre essa imagem talvez foram ouvidas por quase todas as mulheres que amamentaram ou amamentam. Os atos biológicos de gestar, parir e amamentar foram transformados histórica e culturalmente em uma imagem de sacrifício e renúncia pessoal da mulher (Silva, 2020). A redução do corpo da mulher recém mãe à função biológica de amamentar permeia o cotidiano feminino, principalmente nos primeiros meses de vida do bebê. Embora seja uma conquista técnica humana (Rose, 2001), as mulheres estão sujeitas de maneira quase compulsória a desempenharem a função, mesmo requerendo um aprendizado.

Decidir encerrar a amamentação é uma escolha complexa e pode ser motivada por distintas questões. Porém, ao dizer isso para uma mulher puérpera, um parceiro promove insegurança e pressão para finalizar o ciclo construído exclusivamente pela mãe e bebê. Na espécie humana, se a cultura do aleitamento fosse incentivada, apoiada e respeitada, as crianças desmamariam naturalmente entre os dois e sete anos (Gimenez, 2020).

No livro Tudo é Rio, Carla Madeira (2021) narra a cena do marido arrancando o bebê dos braços da mãe e arremessando-o contra o chão, tamanho ciúme sentido ao ver a criança mamando na esposa. Apesar da situação descrita na ficção, a possessividade masculina sobre corpos femininos é alicerçada no patriarcado, que historicamente encontrou maneiras de estabelecer um rígido controle sobre a mulher. O patriarcado foi e é um sistema jamais contestado totalmente pela civilização ocidental, e, de tão universal e amplo, é praticamente considerado uma lei da natureza. Por meio dele, são determinados os papéis que as mulheres devem interpretar para estarem sujeitas aos homens em *todas* as situações (Rich, 2019).



VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



FIGURA 2 — Série "Você está morta", 16x11cm, 2018-2022. Fonte: Malu Teodoro (online).

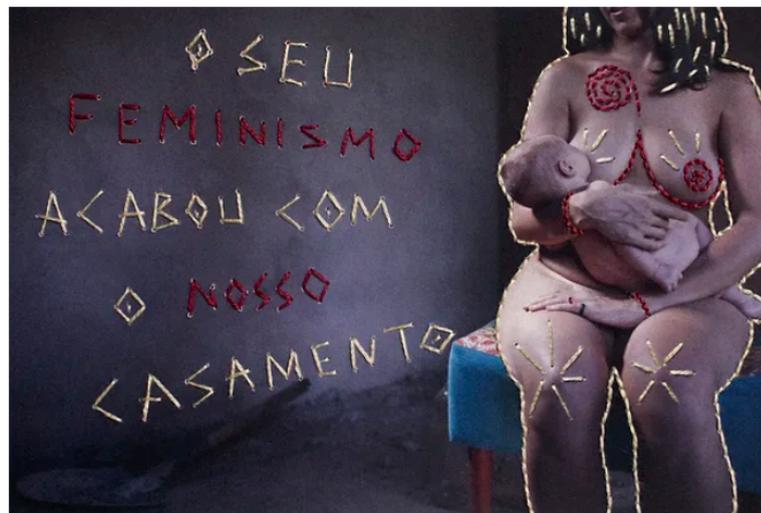


FIGURA 3 — Série "Você está morta", 16x11cm, 2018-2022. Fonte: Malu Teodoro (online).

"O seu feminismo acabou com o nosso casamento". A frase preenche a parede sem reboco. O rosto da mulher é parcialmente eliminado do enquadramento, aparecendo apenas parte da boca e queixo. Mãe e bebê estão sobre uma poltrona azul clara com detalhes coloridos. O braço direito envolve a cria enquanto o esquerdo apoia nádegas e pernas. A parte inferior dos seios são delineados com



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



linha vermelha e pequenos traços amarelos ornam a parte superior. Todas as fotografias têm tonalidades semelhantes e iluminação suave. Sozinhas, as imagens, trariam reflexões sobre corpos nus, amamentação em um espaço em obras e a aparente indiferença da mãe. A delicadeza das linhas contrasta com a crueldade e violência das palavras escritas. Furar a superfície de uma fotografia com a ponta da agulha pode aludir ao ato brutal de proferir frases que transpassam o corpo.

O feminismo (FIG. 3) é culpado pelo fim da relação conjugal. A luta histórica das mulheres por direitos iguais na sociedade incomoda. As estruturas sociais estão tão alicerçadas no poder masculino que promover qualquer estremecimento é subversivo. Mas é exatamente isso que as artistas pretendem com suas obras: sacudir e colocar em crise esse poder. Lugones (2014) afirma que o mundo tende a se organizar social e historicamente em categorias homogêneas, atômicas e separáveis. Quando mulheres do terceiro mundo e racializadas percebem e compreendem tais divisões, tendem a contestar o universalismo feminista contemporâneo reivindicando a existência da intersecção entre raça, classe, sexualidade e gênero para além das categorias da modernidade (Lugones, 2014). Andrea O'Reilly (2016) propõe mais uma camada de opressão: a maternidade.

Os estudos maternos não reduzem a complexidade das mulheres mães à maternidade e priorizam suas vidas ao investigá-las em sua completude (Lemes, 2021). Embora os feminismos lancem luz sobre as diferentes narrativas de opressão das mulheres, a maternidade naturalizada e sem a consideração das concepções culturais e sociais que a transformam num importante instrumento opressor, omite aspectos fundamentais da sua manifestação. Inserir as questões maternas nos debates acadêmicos é urgente, compreendendo que o processo de subjetivação social não se desliga do gênero, sendo este atravessado por diversos eixos de opressão (Nascimento; Sardelich, 2020).



VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Tornar-se mãe é vivenciar as desigualdades de gênero históricas e sociais nos afazeres domésticos. Os feminismos auxiliam a compreensão de que os papéis sociais relacionados e este tipo de cuidado precisam ser melhor distribuídos. Apesar das condições biológicas da mulher, não há um aparato genético responsável pelas demandas do cuidado, é uma construção social, política e econômica. Associar o cuidado às mulheres só contribui para aumentar a sobrecarrega.

## 2. "O leite do fim"

Amamentar é uma ação que exige presença corporal da mulher e do bebê/criança. Com um alto custo físico para a mãe, tanto pelo tempo dedicado à tarefa como pelas dificuldades do processo. Nessa segunda parte trazemos a obra "O leite do fim", na qual a amamentação está numa fase final. A feitura da obra teve início quando a criança, com quatro anos, começou a dar sinais de desmame natural, coincidindo com o início da pandemia no Brasil. Contudo, as mudanças de rotina do período fizeram com que o fim fosse adiado por um ano e oito meses. O objetivo foi pensar como confrontar as representações tradicionais da amamentação na contemporaneidade, além de propor a construção fotográfica de resistência aos formatos idealizados socialmente da estrutura física da mulher mãe a partir de uma experiência subjetiva pessoal.

As fotografias tentam provocar um tensionamento e ampliar a reflexão sobre o tema. Amamentar é um trabalho não remunerado comumente associado a uma forma de amor aparentemente inquestionável. Em "Fábrica" (FIG. 4), há uma mulher sem corpo, sem rosto. Os seios desnudos brotam do tecido branco amarrotado que recobre todo o resto da pele, paredes e o que parece ser um sofá. O conjunto mamilo e aréola está disponível para quem vê a imagem. O peito não é local de estocagem, especialmente quando há uma rotina de amamentação, e a demanda se



VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



adequa às necessidades e solicitações da criança. O leite é produzido à medida que a sucção é feita, uma verdadeira fábrica.



FIGURA 4 — "Fábrica", série "O leite do Fim", 2020. Fonte: Elisa Elsie, acervo pessoal.

O corpo fracionado, invisibilizado e reduzido ao peito-alimento. A maternidade parece possuir a condição de fragmentar a organização biológica, tornando a experiência em um fardo físico de reprodução e trabalho para a mulher. Visibilizar a função materna e a amamentação, questionado o formato socialmente aceito por meio de imagens, é um percurso negociado pela fotografia contemporânea.

A proposta de "O leite do fim" é levar para a fotografia as distintas camadas envolvidas na amamentação para mulher e criança. Quando o projeto foi iniciado, não havia uma data para o encerramento do ciclo de lactação e "Fábrica" (FIG. 4) inaugurou o que viria a ser o ensaio. Os tecidos fazem referência ao costume de se usar uma fralda de pano para esconder os seios. A fotografia visibiliza exatamente o pedaço do corpo da mulher que representa a sua condição de nutriz, uma intenção consciente de apresentar um corpo fragmentado desconsiderando sua integralidade.



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



A fotografia "Apojadura" (FIG. 5) é uma fotoperformance para a câmera fotográfica. O local escolhido, a cozinha, é um ambiente propício para as refeições. Aleitar é também alimentar e inserir o ato em um espaço dedicado à alimentação familiar reforça a possibilidade e necessidade de nutrição em qualquer idade e em qualquer lugar. A nudez da mulher e da criança, a louça à espera de limpeza, o fogão sujo, a cozinha desorganizada completam um cenário não convencional de amamentação. Na imagem (FIG. 5), a criança está em pé, contrariando parte das fotos com lactentes de colo. O leite é invisível.



FIGURA 5 — "Apojadura", série "O leite do Fim", 2020. Fonte: Elisa Elsie, acervo pessoal.

No processo de formação infantil, a percepção do mundo começa pela boca da criança (Franco, 2020). Na imagem, temos uma criança de quatro anos que ainda recorre ao seio da mãe para alimentar-se ou encontrar conforto. A mãe nutriz não tem o rosto visível. O cabelo sobre a face e a posição curvada escondem a



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024**  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



fisionomia. "Apojadura" tem a intenção de confrontar as imagens com bebês mamando abrindo espaço para uma nova representação tanto da mulher que amamenta como da criança maior que mama.

Em "Teste" (FIG. 6), o movimento da mão espreme mamilo e aréola, uma ordenha manual de extração de leite. Gotículas brancas brotam da pele enrugada pela ação. A iluminação oculta parte do dorso, ombros, rosto e cabelo permanecem na penumbra. Apenas um pedaço do colo, dos seios e da mão pode ser visualizado. O peito em teste de sua função biológica de produzir leite. Após cinco anos fabricando para uma única criança, o aparato físico segue em funcionamento, a mama disforme entre os dedos distante de qualquer possibilidade de sensualização.

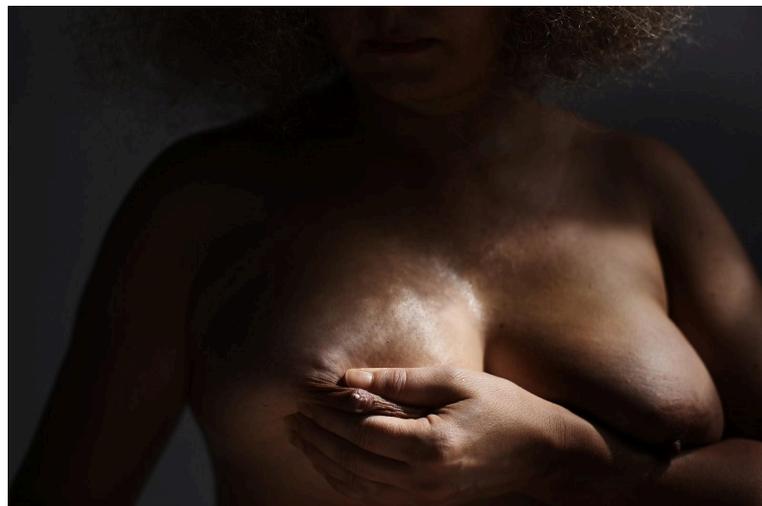


FIGURA 6 — "Teste", série "O leite do Fim", 2021. Fonte: Elisa Elsie, acervo pessoal.

Diferentemente das outras imagens, a ausência da boca de um bebê ou criança permite que o leite seja visto. Observar o fluido irromper sobre o mamilo renova o repertório visual ao conter a combinação de pele e leite humano. Ocultar a criança da imagem abre espaço visual para o leite obtido pela força da mão e



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024**  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



pretende diminuir a opacidade do corpo nutriz ao elaborar uma poética de um corpo sem a idealização estética e sexual.

Nas obras "Você está morta" e "O leite do fim", as artistas performam ações orientadas para a câmera. Uma encenação feita exclusivamente para o registro, sem platéia. O ato que oferta à fotografia uma nova perspectiva estética. As imagens escolhidas coincidem com o autorretrato, em uma estratégia pessoal as artistas constroem visualmente o eu como sendo outra, oferecendo ao público uma representação particular da sujeita, de si mesmas.

As fotografias carregam uma representação pessoal e trazem a performance de si para a composição imagética. As imagens sustentam um tempo próprio, fragmentado. A mulher mãe performa dentro deste lapso temporal fracionado e criado por ela mesma, elaborando uma espécie de não lugar visual e ficcional. As artistas ressignificam ou ficionam ações do cotidiano e transformam a experiência em fotografia. Não há um registro de performance e sim há uma performance efêmera exclusivamente pensada e produzida para a feitura fotográfica. A obra em si não existe sem a fotografia e o ato planejado previamente integra o objeto visual produzido, não configurando uma *documentação de performance* (Auslander, 2019).

As encenações das artistas foram feitas com um objetivo muito específico: tornar-se uma fotografia. Um projeto estético planejado pela artista antes da feitura da imagem final e a fotografia como um índice de acesso a uma ação feita no passado. Estabelecendo uma relação de convite e diálogo para uma visualidade sensível para o público presente e futuro. A autorrepresentação surge como um lugar de fala a partir de si, do corpo, de algo que lhe é familiar. Como falar de uma vivência tão dura para a mulher através de fotografias? Falar a partir de um corpo-mãe talvez seja uma tentativa de reencontrar o eixo de um corpo atravessado pelo cansaço e sobrecarregado física e emocionalmente. Uma experiência profunda



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia**  
**Campina Grande/PB**  
**1 a 3 de Outubro de 2024**  
**CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



e difícil de acomodar em palavras. A visualidade aqui como essa forma outra de dizer, ou pelo menos de tentar dizer o que seria a amamentação sob uma perspectiva pessoal e feminista através de uma representação e performance de si. Um chamado para desenvolver e modificar a forma de olhar para uma fotografia.

### **Considerações finais**

O corpo da mulher mãe que amamenta é cercado de ideais e estereótipos construídos visualmente ao longo do tempo. Fraturar a imagem do imaginário coletivo social é um processo que requer imaginação, ação subversiva e tempo. Reconhecer, legitimar e negociar a criação de um novo repertório imagético contemporâneo produzido por mulheres mães artistas é apontar caminhos possíveis de produção artística, de leituras mais amplas e de elaboração de novas narrativas visuais que desestabilizam conceitos cristalizados.

A fotografia é uma linguagem visual construída por quem faz e por quem vê. Quem faz pode criar sentidos e significados baseados em uma coleção imagética subjetiva e visual apreendida ao longo da vida, da mesma maneira quem vê irá construir seus entendimentos. A vivência imagética coletiva remodela o olhar de cada pessoa de maneira particular (Navas, 2017). O texto surge na intenção de pensar novas formas de representação da mulher mãe através da fotografia contemporânea e os dois ensaios pretendem alinhar uma resistência aos formatos idealizados socialmente da estrutura física da mulher mãe lactante a partir de experiências pessoais e autorrepresentativas. Reunir os dois ensaios revela um pequeno recorte de como as subjetividades de duas mulheres podem confrontar padrões instituídos socialmente através de suas fotografias.

As obras indicam que está em curso uma produção artística contemporânea desestabilizadora da compreensão tradicional da maternidade e mais



VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



especificamente da amamentação. As mulheres artistas utilizam uma estratégia visual como forma de legitimarem suas experiências pessoais em desobediência aos padrões socialmente aceitos e estabelecidos para a maternidade. Não se furtam a expor e provocar desconfortos e redefinições estéticas. Além disso, as fotografias negociam a criação de um novo repertório visual na contemporaneidade.

Cada mulher artista traz para o seu ambiente fotográfico nuances, vestígios e vivências incorporadas aos seus próprios conceitos de mãe e, assim, encontra um caminho de fala, de produção e de sobrevivência. Seguindo um protocolo pessoal de ações e planejamento até a feitura da imagem fotográfica. Essa produção é permeada temporal e fisicamente pelas demandas de cuidado infantil. Pensar, elaborar, idealizar e fazer uma foto exige tempo e normalmente isso é feito com o que sobra, com o resto de tempo não ocupado com as atividades relacionadas a esse cuidado. Confrontar os padrões ou mesmo resignificá-los irá exigir um deslocamento de eixos teóricos e conceituais em direção a um novo lugar no qual a mulher mãe pode se autofotografar, performar e construir uma autorrepresentação diferente do que o imaginário coletivo espera de uma mulher que amamenta. E é para esse lugar que queremos ir juntas.

## Referências

- AUSLANDER, Philip. **A Performatividade na Documentação de Performances**. Tradução: Isabela de Oliveira Barbosa e Luciano Vinhosa. *Poiésis*, Niterói, v. 20, n. 33, pp. 337-352, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22409/poiesis.2033.337-352>. Acesso em 28 de jun. 2023.
- CADONÁ, Eliane. **Amamentar é educar para vida?!?!: a produção da maternidade contemporânea nas campanhas da amamentação**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia da Universidade Católica, Porto Alegre, 2010.
- ELLIS, C.; ADAMS, T. E.; BOCHNER, A. P. **Autoethnography: An Overview**. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, v. 12, n. 1, 24 Nov. 2010. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1589/3096>. Acesso em 30 jun. 2023.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia  
Campina Grande/PB  
1 a 3 de Outubro de 2024  
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



- FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.
- FORTIN, S.; GOSSELIN, P. **Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico**. ARJ - Art Research Journal, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-17, maio 2014. ISSN 2357-9978. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5256/4314>. Acesso em: 03 set. 2024.
- FRANCO, Julieta. **O poder do apego**: como construir uma base segura e garantir saúde física, mental e emocional para seu filho. São Paulo: skoobooks, 2020.
- GIMENEZ, Gabrielle. **Leite Fraco?** Guia prático para uma amamentação sem mitos. Curitiba: Matrescência, 2020.
- LEMES, Luana. **Feminismo matricêntrico**: um debate da História do Tempo Presente a fim de contribuir à história das mulheres e aos estudos de gênero. IV Seminário Internacional História do Tempo Presente (2021). ISSN 2237-4078. Disponível em: <https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/IVSIHTP/paper/viewFile/1017/633>. Acesso em 03 set. 2024.
- LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo descolonial**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 935-953, setembro-dezembro 2014. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 03 set. 234.
- MADEIRA, Carla. **Tudo é rio**. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- MENDONÇA, Maria Collier de (Org.). **Maternidade nas mídias**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2021.
- NAVAS, Adolfo Montejo. **Fotografia & poesia** [afinidades eletivas]. 2. ed. São Paulo: Ubu, 2017.
- O'REILLY, Andrea. **Matricentric Feminism: Theory, Activism, and Practice**. Paperback, Bradford, ON: Demeter Press, 2016.
- RICH, Adrienne. **Nacemos de mujer**: la maternidad como experiencia e institución. Traficantes de Sueños. Tradução Ana Becciu. Madri, 2019.
- ROSE, Nikolas. **Inventando nossos eus**. In: SILVA, Tomas Tadeus da (org). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SARDELICH, Maria Emilia; NASCIMENTO, Fernanda S. **Feminismos e Artes Visuais**: o que se discute na pós-graduação brasileira do século XXI?. Revista Ártemis, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 167–191, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2020v30n1.51060. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/51060>. Acesso em: 03 set. 2024.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- SILVA, Aryanny Thays da. **Práticas visuais**: análise da fotografia artística contemporânea no ensaio Não Reagente de Priscilla Buhr. 2020. Dimensões, v. 45, jul.-dez, p. 109-139, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/33028>. Acesso em 03 set. 2024.
- TEODORO, Malu. **Você está morta**. Disponível em: <https://www.maluteodoro.com/voc%C3%AA-est%C3%A1-morta>. Acesso em 03 set. 2024.